

Sobre a gênese

Louis Althusser

Traduzido por Diego Ramos Lanciote¹

Nota do tradutor (Nt): a tradução que o leitor tem em mãos é um documento de 1966 em que Althusser parece já esboçar sua teoria da conjunção ou encontro, que é explicitada principalmente em sua fase tardia de produção, datada do final dos anos de 1970 aos anos de 1980. O documento tem sua origem nos arquivos pessoais de Althusser depositados no IMEC (ALT2. A11-02.01)² e foi publicado pela primeira vez na revista eletrônica *Décalages* (<http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss2/>), contando com uma interessante introdução de G. M. Goshgarian (*Introductory Note, "Sur la genèse"*) que pode ajudar a situar o leitor.

Muito provavelmente, *Sobre a gênese* guarda alguma relação com a correspondência entre Althusser e René Diatkine, na época seu psicanalista (cf.: Althusser, L. *Écrits sur la psychanalyse*. Paris: STOCK/IMEC, 1993, pp. 55-110). Os indícios dessa constatação seriam a referência a uma "carta" na primeira sentença do documento e a comparação do funcionamento da causalidade estrutural com a estrutura do inconsciente psicanalítico, temas tratados explicitamente na correspondência referida. De imediato, a articulação proposta entre causalidade linear e estrutural alude certamente à concepção spinozana de *causa imanente* e *causa transitiva* (cf.: *Ethica, pars I, prop. 18: Deus est omnium rerum causa immanens, non vero transiens*) que,

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unicamp. E-mail: di_lanciote@hotmail.com.

² A numeração e a referência ao documento podem ser acessadas no inventário de Louis Althusser no IMEC (Cf.: <http://www.imec-archives.com/fonds/althusser-louis-2/>).

juntamente com a preocupação de Althusser de captar o singular através de processos genealógicos para dar conta do problema da historicidade e de sua lógica objetiva de funcionamento, apontam para um modelo causal que atenda à complexidade do tecido histórico. De modo geral, a causalidade linear, usualmente representada pela formulação lógica da implicação (*e. g.*: $A \rightarrow B$, “A implica B” em plena equivalência a “A causa B”), é considerada por Althusser como um relação pontual, um efeito, de um processo causal mais complexo em que, *e. g.*, A, numa trama de relações complexas, causa B, numa trama de relações complexas. A complexificação do modelo causal permite a Althusser conceber as determinações de certo fenômeno, entretanto, sem que o resultado de uma causação seja pré-estabelecido, *i. e.*, afastando qualquer inscrição de finalidade na causação. A propósito de tal temática em processos históricos, a referência à explicação de Étienne Balibar sobre a genealogia do capitalismo em *Lire Le Capital* permite substituir uma visão holística e totalizante do movimento histórico por uma serialidade genealógica submetida aos seus possíveis encontros ou combinações (*Verbindungen*) sem que, todavia, haja qualquer precedência inscrita em cada série pré-estabelecendo tal encontro. Cada série sendo relativamente autônoma, elas sempre já estão imersas numa complexidade de relações simultaneamente aos encontros. Podemos enunciar de modo geral que, como Spinoza, o determinismo de Althusser inclui a contingência sem, contudo, perder o conhecimento objetivo das coisas (ou das causas). Essa dinâmica causal, ao que tudo indica, pretende dar conta precisamente da relação atual, ou seja, do pensar ao extremo no presente e, pois, em/ sobre a conjuntura.

Há dois termos na tradução que devem ser justificados ao leitor. O primeiro, na ordem de ocorrência, é o verbo *conjoindre* traduzido aqui por “conjuguar”. Tal termo tem franca ressonância com o verbo latino *coniugo*, *coniugare* que é muito frequente em Lucrecio (Cf.: Lucretius, *De Rerum Natura*) e significa o ato mesmo da junção entre os átomos, seu encontro. Portanto, “conjuguar” tem amplitude

conceitual no jargão althusseriano e está associado ao termo “pega” (*prise*), o qual já é bastante solidificado nas traduções hodiernas dos escritos tardios de Althusser. O segundo termo é o famigerado substantivo alemão *Aufhebung*, derivado do verbo *aufheben*. Althusser o traduz por *dépassement*, tradução mais corrente no período em que escreve. Todavia, aqui preferimos seguir a tradução que consideramos a mais precisa e contemporânea, qual seja, “suspender”/“suspensão”, estabelecida por M. L. Müller. Mas tenho em mente que o termo é ponto problemático de tradução, e. g., “suprassumir” (P. Meneses), “superar” (M. A. Werle), “suprimer” (B. Bourgeois), “sursumer” (P. -J. Labarrière e G. Jarczyk), “abolir” (J.-P. Lefebvre), “to sublate” (A. V. Miller e G. di Giovanni).

Eu gostaria de precisar um ponto que, sem dúvida, não aparece claramente em minha carta.

No esquema da “teoria do encontro” ou teoria da “conjunção”, a qual é destinada a substituir a categoria ideológica (religiosa) da gênese, há lugar para o que se pode chamar de genealogias lineares.

Assim, a fim de retomar um exemplo da lógica da constituição do modo de produção capitalista em *O Capital*:

1) os elementos definidos por Marx se “combinam”, prefiro dizer (para traduzir o termo *Verbindung*) se “conjugam” “pegando” numa estrutura nova. Esta estrutura não pode ser pensada, no seu surgimento, como o efeito de uma filiação, mas como o efeito de uma conjunção. Essa lógica nova não tem nada a ver com a causalidade linear da filiação nem com a causalidade “dialética” hegeliana, a qual apenas enuncia em alto e bom som o que está implicitamente contido na lógica da causalidade linear.

2) Entretanto, cada um dos elementos que vem a se combinar na conjunção da nova estrutura (na espécie de capital-dinheiro acumulado, de forças de trabalho “livres”, isto é, desprovidas de seus

instrumentos de “trabalho”, de invenções técnicas) é ele mesmo, como tal, um produto, um efeito.

O que é importante na demonstração de Marx é que esses três elementos não são os produtos contemporâneos de uma só e mesma situação: não é, dito de outro modo, o modo de produção feudal que, por si só, e por uma finalidade providencial, engendra ao mesmo tempo os três elementos necessários para que “pegue” a nova estrutura. Cada um desses elementos tem sua própria “história” ou sua própria genealogia (para retomar um conceito de Nietzsche que Balibar foi feliz ao se utilizar para este propósito): as três genealogias são relativamente independentes. Vê-se mesmo Marx mostrar que um mesmo elemento (as forças de trabalho “livres”) pode ser produzido como resultado por genealogias totalmente diferentes.

Então, as genealogias dos três elementos são independentes umas das outras e independentes (em sua co-existência, na co-existência de seus respectivos resultados) da estrutura existente (o modo de produção feudal). O que exclui toda possibilidade de ressurgência do mito da gênese: o modo de produção feudal não é o “pai” do modo de produção capitalista no sentido em que o segundo estaria contido “em germe” no primeiro.

3) Dito isso, resta conceber os tipos de causalidade que podem, a propósito desses elementos (e de uma maneira geral, a propósito da genealogia de todo elemento), intervir a fim de dar conta da produção destes elementos como elementos entrando na conjunção que vai “pegar” numa nova estrutura.

É preciso aqui, ao que me parece, distinguir dois tipos distintos de causalidade:

a) a causalidade estrutural: um elemento pode ser produzido como efeito estrutural. A causalidade estrutural é a causalidade última de todo efeito.

O que quer dizer o conceito de causalidade estrutural? Ele significa (em termos muito grosseiros) que um efeito B (que é considerado como elemento) não é o efeito de uma causa A (de um outro elemento), mas

o efeito do elemento A na medida em que este elemento está inserido nas relações que constituem a estrutura na qual é situado A. Isso quer dizer, em termos simples, que para compreender a produção do efeito B, não basta considerar a causa A (imediatamente precedente, ou visivelmente em relação com o efeito B) isoladamente, mas a causa A enquanto elemento de uma estrutura específica na qual ela toma lugar, então, enquanto submetida às relações estruturais específicas que definem a estrutura em questão. Uma forma muito sumária da causalidade estrutural aparece, por exemplo, na física moderna quando ela faz intervir o conceito de campo e faz atuar o que se pode chamar de causalidade de um campo. No caso da ciência das sociedades, se seguirmos o pensamento de Marx, não se pode compreender tal efeito econômico pondo-o em relação com uma causa isolada, mas pondo-o em relação com a estrutura do econômico (definida pela articulação das forças produtivas e das relações de produção). Pode-se presumir que na psicanálise tal efeito (tal sintoma) é inteligível da mesma maneira, como efeito da estrutura do inconsciente. Não é tal acontecimento ou tal elemento A que produz o efeito B, mas a estrutura definida do inconsciente do sujeito que produz o efeito B.

b) Essa lei parece ser geral. Mas a causalidade estrutural define como estrutural, portanto, como efeito estrutural, zonas ou sequências rigorosamente definidas e limitadas em que a causalidade estrutural realiza-se sob a forma da causalidade linear. É o que se passa, por exemplo, no processo de trabalho. A causalidade mecânica linear (mesmo se ela reveste formas complexas, como nas máquinas, estas formas permanecem mecânicas, isto é, lineares, mesmo nos efeitos de feed-back e outros efeitos cibernéticos) atua, assim, de maneira autônoma e exclusiva num campo definido, que é aquele da produção dos produtos no processo de trabalho. Para martelar um prego, batemos com um martelo sobre o prego, para lavrar um campo, fazemos agir forças sobre um arado que age sobre a terra etc. Essa causalidade linear-mecânica (que Sartre chama de “razão analítica”... mas atenção, o que Sartre chama de razão dialética é somente, não obstante o que ele diz,

uma forma complexa da razão analítica, é só a razão analítica) age, assim, produzindo os mesmos efeitos, pela repetição e acumulação. É o que se encontra em Hegel quando ele fala da acumulação quantitativa, ou da lógica do entendimento. Hegel tentou pensar os efeitos propriamente estruturais sob a forma do “salto qualitativo”, isto é, tentou passar da causalidade linear à causalidade estrutural engendrando a segunda a partir da primeira (e é por isto que sua “dialética” permanece presa às categorias empíricas do entendimento mecânico e linear, malgrado sua declaração de suspensão, o conceito de “suspensão” – Aufhebung - sendo o conceito que admite e reconhece, não obstante, esta prisão).

Há, assim, séries inteiras, mas sempre definidas nos limites rigorosos, fixadas pela causalidade estrutural, que estão submetidas ao jogo autônomo da causalidade linear, ou analítica (ou causalidade transitiva). Isso se vê de maneira muito nítida em certas sequências de fenômenos econômicos, políticos e ideológicos. Isso deve-se ver também na psicanálise (p.ex., em certas sequências pertencentes aos processos secundários. Parece-me que o que se chama de “formações secundárias”, como as formações defensivas, tornam isto manifesto).

No exemplo de nossos três elementos, a acumulação do capital-dinheiro vem, em grande parte, desse mecanismo, e, igualmente, certas sequências produtoras de outros elementos.

Mas, em todo caso, os limites e o “jogo” da causalidade mecânica, assim como o tipo de objeto que ela produz são determinados em última instância pela causalidade estrutural. Pode-se mesmo ir mais longe e dizer que podemos observar efeitos de acumulação (mecânicos) entre efeitos estruturais (assim, o que diz Marx: a existência de “forças de trabalho livres” é o resultado de diversos processos diferentes e independentes, cujos efeitos crescem-se e reforçam-se ao se crescer), mas estes efeitos entre os quais se instaura, assim, o jogo de uma causalidade mecânica, são, tomados isoladamente, efeitos estruturais.

Eu não desenvolvo mais adiante. Gostaria somente de indicar o princípio dessa dupla causalidade e de sua articulação, em que a causalidade estrutural é determinante da causalidade linear.

22 de setembro de 1966.